

**Os primeiros brasileiros: consequência de  
parceria entre Museu das Culturas Dom Bosco e  
Museu Nacional do Rio de Janeiro**

*The first brazilians: consequence of partnership  
between the Museum of Cultures Dom Bosco and  
Museu Nacional of Rio de Janeiro*

Viviane Luiza da Silva

---

Licenciada em História pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB,  
técnica em Museologia na seção de Etnologia do MCDB e coordenadora da  
expografia Índios: Os Primeiros Brasileiros.

## RESUMO

Este artigo pretende apresentar parte do resultado da exposição Índios: os Primeiros Brasileiros que retrata o desenvolvimento sociocultural dos povos indígenas do Nordeste brasileiro, cujo objetivo é estimular um processo de reavaliação, oferecendo ao público imagens e informações de natureza histórica e cultural que apresentam as culturas indígenas como algo vivo e dinâmico. Pretende assim favorecer o despertar de novas questões e ser uma estrada aberta ao fim da qual cada um poderá re-examinar seus próprios conceitos e opiniões, distanciando-se dos pré-conceitos com que operam tanto o senso comum quanto as representações eruditas.

## PALAVRAS-CHAVE

antropologia museal  
etnologia  
expografia

## ABSTRACT

*This article intends to present part of the Indian expositions result: the First Brazilians that shows the social and cultural development of Indian people from Brazilian Northeast , whose objective is to stimulate a process or reevaluation , offering to the public images and informations of cultural and historic nature that present the Indian cultures as a dynamic and lived thing. It pretends, this way, to advance the awakening of new questions and to be an open way to the end of whose each one will can review the own concepts and opinions, distancing out of prejudices with whose operate so the usual sense the erudite representations.*

## KEY-WORDS

*museal anthropology  
ethnology  
expography*

## INTRODUÇÃO

*“Índios: os primeiros brasileiros”* é uma mostra itinerante cujo idealizador se propõe a surpreender e emocionar o leitor-expectador com uma viagem histórica através de imagens, textos e sons. O tema perpassa a retomada das principais idéias recorrentes na sociedade brasileira contemporânea sobre o desenvolvimento sociocultural dos povos indígenas do Nordeste brasileiro, bem como de sua inserção no contexto das dinâmicas de construção de um modelo de identidade nacional.

A exposição é fruto de pesquisa do Antropólogo João Pacheco de Oliveira desenvolvida em parceria com diversos colaboradores institucionais. Recebeu o apoio do Museu Nacional/ Laboratório de Pesquisa em Cultura, Etnicidade e Desenvolvimento (Laced), da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) e da Associação Raízes da Tradição, tendo como patrocinador oficial a Petrobrás (BR).

Segundo o curador, João Pacheco de Oliveira os objetivos são estimular um processo de reavaliação efetiva do “nós” e do “eles”, oferecendo ao público imagens e informações de natureza histórica e cultural que apresentam as culturas indígenas como algo vivo e dinâmico, propiciando sobretudo uma identificação positiva com tais coletividades.

É necessário um movimento em outra direção, comprometido com o esforço de pensar os indígenas sob a chave da criação de cultura, concebendo-os como produtores de símbolos, utopias e novas formas societárias, motivados pela dimensão contemporânea e em diálogo com muitas outras tradições culturais por eles mesmos selecionadas.

É com base neste movimento que Teixeira Coelho (1988) define Ação Cultural como um conjunto de procedimentos, que envolve recursos humanos e materiais que visam pôr em prática os objetivos de uma determinada política cultural. Esta se concretiza ao recorrer a agentes culturais previamente preparados, procurando fazer uma ponte entre esse público e uma obra de cultura ou arte.

## OS PRIMEIROS BRASILEIROS: DO PLANEJAMENTO À CONCRETUDE

“Contrariando o senso-comum, a presença indígena no nordeste é bastante significativa, assume inclusive uma grande importância demográfica, ambiental e política, sendo, sobretudo de extrema relevância para se refletir sobre os múltiplos horizontes políticos possíveis na relação entre o Estado e os povos indígenas no Brasil.”

João Pacheco de Oliveira

Devemos responder a dois importantes desafios. O primeiro é o de tentar estabelecer um diálogo entre os dados e interpretações acumulados pelas pesquisas atuais e os debates relativos à formação de uma identidade nacional e regional, políticas compensatórias e suas múltiplas facetas (multiculturalismo, ações afirmativas e sistema de cotas). Um conjunto de atividades estará agregado à exposição, como a feitura de um catálogo de natureza crítica e sintética, reunindo informações etnográficas e enquadramentos teóricos acerca dos povos indígenas no mundo contemporâneo e especificamente na Região Nordeste.

O Professor João Pacheco de Oliveira (1999) relata que a presença de símbolos e costumes ocidentais incorporados pela sociedade Brasileira, mostra como as instituições observadas não refletiam mais integralmente a harmonia de sistemas socioculturais ainda vividos em seu esplendor, mas já correspondia a um acentuado processo de perda cultural. Nos museus das capitais nordestinas os acervos indígenas tornaram-se secundários ou foram substituídos por material arqueológico. Se, em termos, de cultura popular o Nordeste se afigura como uma verdadeira Meca dos folcloristas, no que tange aos estudos indigenistas progressivamente se assume como região periférica e de interesse residual.

Embora a narrativa central ocorra dentro de amplos e sucessivos quadros históricos, o tempo na exposição não é apenas linear, mas dialético e interativo. O próprio nome exemplifica bem essa relação com o tempo. A rigor, seria um retrocesso falar dos indígenas como

“os primeiros brasileiros”, pois quando do descobrimento, nada existia de semelhante ao que hoje chamamos Brasil.

Em vez de aceitar tais parâmetros cognitivos e as estratégias expositivas daí derivadas, *Índios: os primeiros brasileiros* busca desvelar ao visitante a multiplicidade de formas de presença indígena no universo colonial. O país foi (e é) povoado por extensa e diversificada população autóctone, sem a qual teria sido impossível a exploração de riquezas, a ocupação do interior e até a própria existência das cidades coloniais do litoral e a fixação das fronteiras internacionais.

Mas a imagem que se tem do índio permanece exclusivamente comprometida com o passado, com a reconstrução idealizada de formas pretéritas. Essa valorização do índio, sempre remetida ao passado e a visões estereotipadas, corre paralela ao desconhecimento de sua diversidade real e de suas manifestações culturais concretas (hoje em dia e no passado).

Na exposição são reveladas as formas como os indígenas vêm assumindo um papel de proa na construção de novas formas de atuação política e no reconhecimento de direitos e deveres do Estado brasileiro.

Para isso a exposição focaliza em especial a região Nordeste e está integrada por três espaços distintos – o mundo colonial (a história que se pode ler nos livros e documentos), o mundo indígena (outra narrativa) e o Brasil contemporâneo (com suas lutas e desafios).

## **MUNDO COLONIAL**

A primeira parte da exposição propõe um mergulho no mundo colonial, situando o visitante no século XVI, no processo de construção de uma colônia portuguesa que viria a chamar-se Brasil. Nos compêndios de História, bem como nas mostras e exposições oficiais, os relatos procedem sistematicamente ao apagamento ou minimização da presença indígena, numa prática narrativa que em gerações sucessivas se tornou algo corriqueiro e naturalizado.

## MUNDO INDÍGENA

A segunda parte da exposição tem como foco o mundo indígena em sua vitalidade e esplendor. Propõe-se ao visitante, como em um jogo, a imersão em um espaço próprio dessas culturas, algo que não está situado unicamente no passado ou no presente, mas na plasticidade dos modos indígenas de auto-representação.

O visitante ingressa em outro espaço expositivo, claramente demarcado como indígena onde lhe são apresentados objetos e imagens que se referem às múltiplas esferas de atividades socioculturais.

Este módulo propõe assim uma viagem a um Brasil mais distante e desconhecido, aquele das aldeias e das memórias indígenas, outra narrativa sobre o país e seus mais antigos moradores, algo que – apesar de sua envolvente força atualidade em sua grande maioria o mundo moderno e urbano parece ignorar por completo.

A ambientação deste módulo é escura, com luz diretamente dirigida aos objetos e imagens. À medida que se avança em domínios mais sagrados da cultura o ambiente de penumbra se adensa e a única luz existente no recinto provém da iluminação das peças.

Raras indicações escritas, circunscritas à ficha técnica das peças, também marcam este módulo, em que a complexidade da tradução cultural vem assim a ser assinalada para o público. A interlocução dos objetos e a geração de significados se estabelecem, sobretudo, com as imagens e com as músicas, sem a mediação das palavras, idioma supostamente mais claro e universal.

## MUNDO CONTEMPORÂNEO

A terceira parte da exposição é o momento pleno e meridiano da contemporaneidade, e está integrada por dois espaços distintos.

O primeiro é destinado a textos e imagens sobre os processos de mobilização política e étnica, ressaltando os personagens e eventos mais marcantes que fizeram parte desta trajetória histórica. Fala também das gerações passadas, que sofreram com o processo de extinção dos aldeamentos e de invasão de suas terras, bem como de invisibilidade e apagamento de sua identidade étnica. Reporta-se ainda a alguns

aliados dos índios em suas lutas, como intelectuais, missionários, sertanistas e regionais. Culmina com um mapa dos povos indígenas do Nordeste e um quadro demográfico atualizado.

O percurso encerra-se no segundo espaço, onde se poderá co-tejar o antigo imaginário nacional sobre os indígenas com as formas atuais pelas quais eles se auto-representam e marcam sua presença na sociedade brasileira. Ao final um conjunto de pequenos depoimentos em vídeo apresenta ao visitante algumas trajetórias exemplares de mulheres indígenas, mostrando como pessoas desses povos, estão conseguindo em muitos aspectos reverter a postura agressiva e discriminatória com que foi conduzido o processo de incorporação ocorrido ao longo de quinhentos anos. Os anos vindouros, todos afirmam, serão ‘outros quinhentos’.

## **MN E MCDB: O INÍCIO DE GRANDES IDEALIZAÇÕES ENTRE OS DOIS MUSEUS**

O primeiro contato ocorreu em 2004 na reunião da SAB – Sociedade de Arqueologia Brasileira, onde o Professor João Pacheco de Oliveira apresentou o Museu das Culturas Dom Bosco com um vídeo intitulado *Pisa Ligeiro* que tem como diretor Bruno Pacheco de Oliveira, baseado em depoimentos das principais lideranças indígenas do país, que refletem a diversidade de 220 povos com histórias e culturas diferenciadas. Resultado de um trabalho de quatro anos desenvolvido por uma equipe do LACED - Museu Nacional, em associação com organizações indígenas, o vídeo corresponde a um esforço de reflexão e auto-avaliação desses líderes sobre os últimos 15 anos de lutas e mobilizações.

Apresentamos os trabalhos que estávamos realizando, naquele momento o projeto principal era a “Reestruturação do Museu das Culturas Dom Bosco”, que compreendia cursos de capacitação aos técnicos, funcionários e curadores indígenas do museu comunitário de Meruri, com profissionais cujos currículos são de suma importância, tendo experiência nos maiores museus do mundo.

Foi a partir daí que os laços entre os dois museus estreitaram-se, reconhecendo que as linhas de pesquisas eram análogas, podendo,

assim, apesar das particularidades e potencialidades específicas, realizaram um intercâmbio de idéias, experiências e principalmente parceria em projetos.

E foi neste intercâmbio, o primeiro dentre muitos outros, que o Professor João Pacheco de Oliveira convidou o MCDB para integrar a equipe que trabalharia na exposição Índios: Os primeiros Brasileiros.

Como representante da Seção de Etnologia fui para coordenar a cultura material da exposição que compreendia viagens a campo para coletar e contextualizar os objetos confeccionados pelos povos<sup>1</sup>, uma vez que a exposição abriga artefatos que mostram a riqueza e diversidade das culturas indígenas do Nordeste. A coletânea de fotos que compõe o acervo reporta-se, sobretudo, ao uso social destes artefatos, tanto no passado quanto na atualidade.

A primeira reunião aconteceu em Recife/ PE em agosto de 2006, com o objetivo de apresentação do projeto, equipe de trabalho e o espaço da exposição – Museu da Cidade do Recife situado no Forte das Cinco Pontas.

A inauguração da exposição “Índios: os primeiros brasileiros” no Nordeste<sup>2</sup>, permaneceu de 7 de dezembro de 2006 até 11 de fevereiro de 2007, contabilizando a ida de mais de 10 mil visitantes entre estudantes, pesquisadores, turistas, população local e contou com a fundamental e emocionada presença dos povos indígenas.

A mostra compreendeu uma série de atividades culturais, como performances de Toré (manifestação dos indígenas do Nordeste). Contou ainda com a Conferência Temática dos Povos Indígenas do Nordeste, com a presença de 100 lideranças indígenas, envolvidas com Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo - APOINME.

Vários documentários foram exibidos, dois em particular chamavam a atenção para as opções de vida que se revelam dentro daquela cultura. Em um dos registros consta a história de uma jovem índia que resolveu ser surfista e se destaca como representante do surf feminino no Brasil e, também, a história de Maria Pandakaru que há 14 anos saiu da aldeia para viver na cidade, estudar e hoje já

concluiu o doutorado em lingüística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

No Fórum Cultural Mundial ela disse “o brasileiro quando sai do Brasil e vai para o Japão não deixa de ser brasileiro”. Com isso, Maria afirma que não perdeu a sua tradição e revela, no documentário, que no dia da conclusão de seu doutorado, ela voltou à sua aldeia para agradecer promovendo num ritual indígena.

Como espaço expográfico a exposição teve tanto êxito que o convite estendeu-se, ainda, para Recife utilizando o Espaço Cultural da Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco - Cidade Universitária, aí permanecendo até 20 de junho.

A segunda viagem teve como finalidade coordenar a montagem da exposição no campus da UFPE com a equipe de mediadores que permaneceriam para atender o público visitante.

Como a exposição estava em âmbito universitário, fizemos várias reuniões com os moderadores e dividimos o trabalho em duas fases: a primeira fase constitui-se de leituras sobre a temática indígena, vídeos e debates, em que nós procuramos apresentar as principais idéias e teorias que fundamentaram a construção do quadro teórico da já referida exposição, bem como mapeamento e estudos dos povos indígenas do Nordeste. Participamos também do processo de montagem dos painéis e da cultura material, o que permitiu um conhecimento mais profundo.

Na segunda parte a função era a de monitoria da exposição. A dinâmica de apresentação da exposição era baseada em um diálogo entre o visitante e a exposição intermediado pela monitoria que deveria colocar questões para os visitantes com o intuito de fazê-lo reavaliar suas concepções sobre o objeto em pauta.

A exposição “Índios: Os Primeiros Brasileiros”, realizada em Recife, na Biblioteca da Universidade Federal de Pernambuco, de 7 de maio a 20 de junho de 2007, busca enfrentar por meio de uma mostra museológica os desafios de explorar novos referenciais para a representação e imagem pública dos “índios misturados”.

O público que compareceu à segunda fase da Exposição “*Os primeiros brasileiros*” foi significativamente representado pela própria

comunidade acadêmica do Campus Universitário da UFPE, entre os quais, destacam-se os estudantes da graduação e da pós-graduação, como também professores e pesquisadores de diferentes Centros Acadêmicos, além dos servidores públicos administrativos federais (principalmente da Biblioteca Central e das Bibliotecas Setoriais), dos técnicos da Prefeitura da UFPE. Em menor proporção, mas não menos relevante foi registrada a visitação de famílias, as quais contemplaram a exposição com muito entusiasmo.

Passado o período de exposição o MCDB foi solicitado para voltar a Recife, com o objetivo de desmontagem e organização do acervo desde os 105 painéis a toda cultura material.

Os painéis foram separados por sala, embalados com TNT. Foram colocadas alças de fita como suporte para facilitar o manuseio em cada painel. Manteve-se o número de inventário e por fora do TNT assinalamos o número da sala a que pertencia.

Para a cultura material o cuidado foi mais minucioso, pois o processo de conservação<sup>3</sup> compreende a pesquisa de diferentes materiais, a análise dos processos de degradação, a manutenção das instalações, o controle das condições físicas e ambientais.

A metodologia que utilizamos para conservar os objetos foi: inventariar, fotografar, higienizar cada objeto analisando se havia necessidade de intervenção. Após esta análise, restauramos<sup>4</sup>, embalamos e acondicionamos em caixas poliondas.

A exposição finaliza em Recife, mas ganha asas para atrair outros leitores-expectadores aguçando um processo de reavaliação efetiva do “nós” e do “eles”, provocando novas questões que determinam uma revisão de conceitos e opiniões.

Este é o horizonte almejado pela exposição: assumir explicitamente sua ligação e compromisso com os movimentos indígenas e sua luta atual por formas de cidadania diferenciada.

## Notas:

<sup>1</sup> Foram confeccionados aproximadamente 300 objetos de várias etnias do Nordeste dentre eles estão: Kariri-xocó, Tabajara, Pankararu, Fulni-ô, Tapeba, Poti Guará, Xucuru, Pankararé, Xucuru-Kariri, Pipipã, Tuxá, Kambiuá.

<sup>2</sup> Um dos fatos de grande significação do indigenismo no Brasil é a revitalização da presença indígena do Nordeste, a mais antiga região de colonização do país e mais evidente berço da nacionalidade.

<sup>3</sup> Segundo ALAMBERT, conservação é o conjunto de técnicas e procedimentos destinados a proteger um objeto contra fatores de diferentes naturezas que possam agir sobre ele, sozinhos ou conjuntamente, ameaçando e até destruindo a sua integridade. A conservação serve também preservar o bem da ação desgastante do tempo, de modo a prolongar ao máximo a sua durabilidade, com um mínimo de intervenção direta sobre o mesmo.

<sup>4</sup> Este procedimento aconteceu apenas para os objetos que apresentavam problemas exigindo esta atitude.

## REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Clara Correia. *Conservação: postura e procedimentos*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1998.

COELHO, Teixeira. *O que é ação cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.